

A INCLUSÃO DO AUTISTA NA VIDA ESCOLAR

THE INCLUSION OF AUTISTIC PEOPLE IN SCHOOL LIFE

LA INCLUSIÓN DEL AUTISTA EN LA VIDA ESCOLAR

Adriele Mendes Silva Sales¹
Genoveva Ribas Claro²

Resumo

Este trabalho traz uma breve discussão sobre a importância da inclusão para processo de aprendizagem da criança autista. Por isso, o objetivo é compreender o valor do uso da aprendizagem no autismo em tal processo, uma vez que é conhecida a necessidade do conhecimento e a importância deste transtorno. Entende-se que, por meio da socialização escolar, é possível desenvolver as competências infantis, além de socializar a criança e poder desenvolver sua aprendizagem. A pesquisa bibliográfica qualitativa foi escolhida possibilitando a seleção de artigos e leitura exploratória para posterior análise e reflexão da temática. Portanto, chegou-se à conclusão de que a interação escolar é fundamental para a criança com Transtorno do Espectro Autista; ao mesmo tempo, o trabalho do professor é fundamental para poder melhor ajudar na aprendizagem e na interação, onde pode ser feita uma investigação e assim proporcionar a inclusão. Assim, a preparação pedagógica é uma ferramenta fundamental para ajudar as crianças a se desenvolverem, ultrapassarem suas dificuldades e formá-los integralmente para viver em sociedade.

Palavras-chave: autismo; aprendizagem; inclusão.

Abstract

This paper presents a concise argument for the significance of inclusion in the educational experience of autistic children. Accordingly, the objective is to ascertain the value of employing learning in autism in this process, given the acknowledged necessity for knowledge and the significance of this disorder. It is acknowledged that the process of school socialization has the potential to facilitate the development of children's skills, as well as to facilitate their socialization and learning. Qualitative bibliographical research was selected as the appropriate methodology for this study, enabling the selection of articles and exploratory reading for subsequent analysis and reflection on the subject. It can thus be concluded that school interaction is of great importance for children with Autism Spectrum Disorder. At the same time, the work of the teacher is fundamental to enable better help with learning and interaction, where an investigation can be carried out and thus provide inclusion. Therefore, pedagogical preparation is a fundamental tool to help children develop, overcome their difficulties and train them fully to live in society.

Keywords: autism; learning; inclusion.

Resumen

Este trabajo trae una breve discusión sobre la importancia de la inclusión para el proceso de aprendizaje del niño autista. Por eso, el objetivo es comprender el valor del uso del aprendizaje en el autismo en ese proceso, una vez que se conoce la necesidad del conocimiento y la importancia de ese trastorno. Se entiende que, por medio de la socialización escolar, es posible desarrollar las competencias infantiles, además de socializar al niño y poder desarrollar su aprendizaje. La búsqueda bibliográfica cualitativa fue elegida, posibilitando la selección de artículos y lectura exploratoria para posterior análisis y reflexión de la temática. Por lo tanto, se llegó a la conclusión de que la interacción escolar es fundamental para el niño con Trastorno del Espectro Autista; al mismo tiempo, el trabajo del profesor es fundamental para poder ayudar mejor en el aprendizaje y la interacción, en que se puede hacer una investigación y así proporcionar la inclusión. Así, la preparación pedagógica es una herramienta crucial para ayudar a los niños a desarrollarse, superar sus dificultades y formarlos integralmente para vivir en sociedad.

Palabras clave: autismo; aprendizaje; inclusión.

¹ Acadêmica no curso de Pedagogia no Centro Universitário Internacional (UNINTER).

² Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER).

1 Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como autismo, é uma condição que se manifesta de maneiras únicas em cada indivíduo. Além dos variados comprometimentos de ordem motora e neurológica por vezes afeta sobremaneira a linguagem, cognição e influenciam a forma como a pessoa interage com o mundo ao seu redor.

É desconhecido a origem deste transtorno, atualmente ele é visto como uma síndrome de origem multicausal envolvendo os seus fatores genéticos, neurológicos e social. TEA está com os casos atualmente aumentando, sua prevalência mundial é de em torno de 70 casos para 10.000 habitantes, sendo que os casos que são mais frequentes são em meninos.

As possíveis razões para a elevação da prevalência desta síndrome relacionam-se a aspectos diversos, os quais incluem as alterações nos critérios de diagnósticos, maior conhecimento dos pais e sociedade acerca da ocorrência e manifestações clínicas e o desenvolvimento de serviços.

O aumento da prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas últimas décadas intriga especialistas e pais. Diversos fatores interligados contribuem para esse cenário, tecendo uma complexa trama que exige análise aprofundada para os possíveis diagnósticos, assim como maior conhecimento da família, escola e sociedade sobre o TEA.

O TEA só é descoberto por um exame genético, quando se faz o exame tem duas possibilidades, em alguns casos pode-se descobrir as variantes genéticas que estão alteradas, mas não se sabe qual o exato gene que está causando, podendo dar ausência do TEA, mesmo a criança sendo portadora do TEA. Na segunda possibilidade há o diagnóstico quando se encontra no exame as variantes genéticas relacionadas ao TEA. Levando que as manifestações clínicas comumente, são identificadas pelos pais, cuidadores e seus familiares, que vivenciam os padrões de comportamento característicos do autismo, tendo em vista as necessidades singulares que a criança terá.

A tríade singular do autismo, composta por dificuldades na comunicação verbal e não verbal, abre um portal para compreender as características que marcam essa condição neurodiversa. Para Baptista *et al.* “muitas vezes a ausência de respostas das crianças deve-se à falta de compreensão do que está sendo exigido e não de uma atitude de isolamento e recusa proposital” (2007 p. 32). A falta de compreensão do que se passa ao redor, aliada à escassa oportunidade de interagir com crianças “normais” é que conduziria ao isolamento.

A falta de conhecimento sobre a síndrome faz com que surjam muitas dúvidas sobre qual a melhor forma de promover a educação para essas crianças e como poderá ser feito as devidas intervenções no seu processo educativo.

A carência de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) gera um turbilhão de dúvidas e incertezas sobre como promover a educação ideal para crianças com TEA. Encontrar as intervenções adequadas para cada caso se torna uma busca constante. Assim educar uma criança diagnosticada com autismo tem sido um desafio para muitos profissionais da educação.

A LDB, Lei n.º 9.394/96, no seu Art. 5º estabelece que o acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, e assim é um direito garantido a todos. Entendendo a criança autista como um sujeito histórico e de direitos, devem ter acesso à educação como qualquer outro cidadão. Portanto, com todos os desafios, é necessário buscar conhecimento sobre o transtorno do autismo para que se possibilite a escolarização do aluno autista e que lhe sejam ofertadas oportunidades para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma eficiente e eficaz. Sendo importante que os profissionais da educação estejam capacitados com conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista para se tornar possível a escolarização deste aluno.

Para isso, a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, um conjunto de procedimentos consecutivos que almejam descobrir respostas para um problema da realidade, como afirmam Baptista *et al.* “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (2007 p. 32).

Também, é uma pesquisa bibliográfica qualitativa porque se conseguiu material por meio de várias fontes, elaborou-se um projeto de pesquisa, levantou-se a bibliografia e realizaram-se vários tipos de leitura. Segundo Sasso e Mioto (2007), a pesquisa é qualitativa quando há flexibilidade na coleta de informações, generalizando as análises apoiadas em estudos sobre os autores selecionados. Fez-se uma leitura exploratória do material para reconhecimento do mesmo e constatação do interesse ao problema proposto; selecionou-se o material obtido, escolhendo informações que se prestam a esta pesquisa; aprofundou-se o tema escolhido; fez-se uma leitura reflexiva, crítica e interpretativa, inter-relacionando opiniões expressas nas obras com o tema. Por último, fez-se a escrita descritiva sobre o assunto, discutindo sobre o ponto de vista escolhido. Por fim, o trabalho foi elaborado, refletindo sobre a questão investigativa e procurando respostas para o problema levantando-se.

Por isso, o trabalho traz o Transtorno do Espectro Autismo e, depois, apresenta como o sistema de educação tem feito para a escolarização deste aluno e como a família tem lidado e participado da vida escolar da criança com TEA e, por último, exhibe as considerações finais.

2 Metodologia

A pesquisa bibliográfica escolhida para a elaboração deste artigo se caracteriza por um conjunto de procedimentos consecutivos que almejam descobrir respostas para um problema da realidade, como nos diz Lima e Miotto: “[...] a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima; Miotto, 2007, p. 38).

A pesquisa também teve caráter qualitativo pois a elaboração do projeto se deu através da consulta de várias fontes realizando assim vários tipos de leitura. Foi realizada, ainda, uma leitura exploratória do material para reconhecimento do mesmo e constatação do interesse ao problema proposto; selecionando o material, refletindo sobre a questão investigativa e procurando respostas para o problema levantado.

3 Breve conceito sobre autismo

O Autismo foi descrito pela primeira vez pelo psiquiatra infantil Leo Kanner nos EUA em 1943, sendo definido como uma síndrome, por possuir sintomas e características comportamentais específicas, sendo também denominado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), que pode variar os níveis do mais leve ao mais severo.

Silva *et al.* (2012) nos apresenta detalhadamente o que é ser uma criança autista e suas particularidades. Para a autora, o Transtorno do Espectro Autista é “um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida”. Além dela, outros autores também afirmam que o TEA se caracteriza por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento” (Silva *et al.*, 2012, p. 6), e ressalta que, dentre estas áreas, a interação social é a mais afetada.

Ainda, segundo Silva *et al.* (2012), o nível 1 (leve) é onde a criança apresenta dificuldades para iniciar a relação social, apresentando resposta atípicas ou insucesso a abertura social, mas em geral apresenta dificuldade para trocar de atividades e problemas de planejamento e organização. O nível 2 (médio) onde a criança apresenta um nível um pouco mais grave de deficiência nas relações sociais e na comunicação verbal e não verbal. Além disso, altera mais seu comportamento sendo mais inflexíveis, apresentando dificuldade com a mudança ou com os comportamentos repetitivos e sofre para modificar o foco das suas ações. O nível 3 (grave) onde a criança apresenta bem mais dificuldade na sua comunicação verbal e não verbal, a dificuldade notórias nas relações de interação social. Além de apresentar dificuldades extremas em lidar com mudança e com comportamento repetitivos, e ainda tem o grande sofrimento para mudar o foco de suas ações.

O autismo é uma condição que se acompanha a vida toda e é imprescindível que os educadores que forem acompanhar a criança durante sua vida escolar estejam preparados para lidar com ela. A educação inclusiva é necessária para que a criança com autismo adquira competências para uma vida autônoma e funcional. É onde muitas vezes ocorre o desenvolvimento que permite a interação do mesmo ao seu meio de ambiente social e para que isso ocorra é preciso que se realize uma intervenção pedagógica que abranja todas as áreas de sua vida.

3.1 A inclusão da criança autista na educação

A inclusão é fundamental para a criança autista. Com base em Carothers e Taylor (2004), a educação de uma criança autista tem como objetivo principal promover sua autonomia e independência, permitindo que ela realize tarefas do dia a dia com segurança e desfrute de uma vida plena e com qualidade. Para alcançar esse objetivo, é fundamental uma parceria sólida entre a família e a escola. Mas, para que as execuções dessas tarefas aconteçam, é também fundamental os pais terem a consciência que a parte da família é importante para esse processo, pois os dois ambientes são essenciais para que ocorra o aprendizado.

Executar tarefas simples do cotidiano, tais como comer sozinho, usar banheiro, escovar os dentes para eles fazem muita diferença na sua qualidade de vida. Dessa forma é importante que os pais contribuam para a independência da criança, é preciso que incentivem a criança a comer sozinha, ir ao banheiro, se vestir sozinhos e assim poder garantir ao máximo sua independência.

Por meio de diferentes estímulos, a criança sentirá a necessidade de falar, desenvolvendo sua oralidade, mas o processo deve ser feito calma, sendo um processo é lento. Sendo fundamental que no final de cada etapa, realize elogios as crianças, para assim trazer mais estímulo e desenvolvimento às mesmas.

Para o melhor processo de aprendizagem é essencial que a criança autista tenha a rotina seguida com os horários pré-fixados para as tarefas do dia, porém isso deve acontecer de uma forma bem natural. A rotina, ao mesmo tempo que é importante, também é necessário que o autista aprenda a aceitar as mudanças. Por isso, para que as mudanças sejam feitas, devem ser feitas aos poucos na vida diária da criança.

A educação inclusiva é marcada por leis e diretrizes que auxiliam e conduzem os educadores no exercício pedagógico para atuar dentro das limitações características apresentadas pelos diferentes transtornos. Assim, o indivíduo com deficiência, passa ser visto através de seu quadro de diagnóstico e não por um indivíduo (Rozek, 2009).

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar tradicional apresenta uma série de desafios e obstáculos para os educadores. Implementar os métodos e programas adequados às necessidades singulares de cada aluno com TEA exige um esforço conjunto que vai além da simples vontade do professor.

A participação institucional impõe compromisso e adesão, para que a ligação mediadora educativa aconteça. É necessário que o educador tenha conhecimento dos aspectos do transtorno, assim como os métodos utilizados e os programas desenvolvidos para auxiliar a criança autista na educação. O educador deve ter o conhecimento também das dinâmicas institucionais que são estabelecidas para que ele possa atuar em consonância com elas.

A criança com o autismo encontra uma série de dificuldade ao se ingressar na escola regular. As dificuldades passam a fazer parte da rotina da escola e dos professores para que se tenha uma melhor adaptação e, conseqüentemente, obter a diminuição dessa desvantagem da criança autista é imprescindível que se adapte o currículo escolar.

O currículo escolar se define como “um conjunto de modificação que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as diferenças individuais dos alunos”. Portanto o currículo deve ser elaborado para atender e suprir o aluno nas suas necessidades de adaptação. O objetivo é de ensinar capacidades que podem ser naturalmente aprendidas e que sejam funcionais ao indivíduo, permitindo que ele desenvolva autoconceito e adquira autonomia, podendo permitir que a criança tenha uma qualidade de vida.

A escola e o professor desempenham um papel crucial na educação da criança autista, atuando como agentes transformadores no processo de desenvolvimento e inclusão social dessa criança. Mais do que um mero espaço de ensino, a escola deve se tornar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde as necessidades individuais da criança com TEA sejam reconhecidas e valorizadas. O trabalho da escola está associado ao da família que por sua vez deve disponibilizar o máximo de atenção, acompanhando as atividades, encorajando e criando condições onde a criança se comunique.

As metodologias de aprendizagem devem ser desenvolvidas pelo professor para que o aluno autista consiga se desenvolver e se comunicar. Todo o contexto da programação de uma criança autista deve está de acordo com o seu desenvolvimento e potencial, com sua idade e com o seu interesse, o ensino é a peça fundamental para ter o objetivo a ser alcançado e a sua continuidade é o mais importante, onde eles vão se tornando independentes. Quando a criança autista não se mostra interessada às atividades propostas pelo professor esse deve envolvê-los nas atividades, mesmo que o aluno autista não esteja entendendo o que lhe é ensinado, pois o

seu processo é lento e o professor deve ter paciência, sentar ao seu lado e tentar ajudar da melhor maneira possível e adequada a fazer o que lhe foi pedido e proposto, mesmo que isso leve tempo. Quando a criança conseguir realizar a tarefa com êxito ou se expressar através de palavras deve-se parabenizá-la através de elogios, assim verá a criança se sentir estimulada a cada vez mais para aprender coisas novas.

De acordo com Carothers e Taylor (2004), existem diversas técnicas que demonstram certa eficácia para a aprendizagem de crianças autista. São as técnicas de aprendizagem que, se desenvolvidas de maneira adequada, farão muita diferença na vida da criança.

Uma das técnicas amplamente utilizadas é a rotina de atividades pictográficas, que consiste em ilustrações, como fotos e desenhos, representando os estágios de uma tarefa. Essa abordagem permite que o aluno siga as instruções e complete a tarefa de forma independente, ensinando-o a realizar tarefas práticas. A interação social também é utilizada como uma técnica, pois ela é feita através de toques, brincadeiras.

As técnicas desenvolvidas no tratamento da criança autista são de grande relevância, mas existem alguns aspectos que se levados em consideração pode aumentar a eficácia do tratamento e pode elevar a possibilidade de a criança autista alcançar a tão buscada independência nas atividades diárias.

3.2 O atendimento especializado

Para que o desenvolvimento e a inclusão escolar do aluno autista seja contínua, é necessário ter o desenvolvimento com os trabalhos na sala de recursos. De acordo com Machado (2009), tal atendimento nas salas de recursos deve ser oferecido em horário inverso da sala regular.

A implementação da sala de recursos multifuncionais tem o objetivo de apoiar a organização e a oferta do atendimento educacional especializado para a prestação de serviços complementares e suplementares aos educandos que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação que se encontram matriculados nas classes comuns do ensino regular, possibilitando condições de melhor acesso, participação e aprendizagem (Brasil, 2015).

Nesse sentido, o atendimento educacional especializado, feito nas salas de recursos, tem um papel fundamental para o trabalho inclusivo. Tal atendimento não pode ser feito isoladamente da sala comum, confinado em salas que afastam durante todo o tempo dos demais alunos, portanto o AEE deve ser oferecida como forma complementar ao ensino

comum, não substituindo o espaço da sala de aula. Essas salas proporcionam condições para melhor acesso, participação e aprendizagem desses alunos, que estão matriculados nas classes comuns do ensino regular. O programa visa promover a inclusão e a acessibilidade, garantindo que todos os estudantes tenham oportunidades iguais de aprendizado.

O foco que reside na aquisição é de autonomia e independência do aluno na escola e na vida cotidiana. Diante dessa proposta vem o grande desafio e o medo dos professores em incluir uma criança autista em sala de aula.

Tenho a impressão que um professor tentando ensinar uma criança autista se defrontaria com o desafio da falta de resposta, se o autista fica num mundo particular, a dificuldade maior deve ser a de entrar nesse mundo ou talvez romper a divisão. A dificuldade maior é lidar com pessoas “diferentes”... isso traz insegurança... o temos de não me sentir apta... Penso na ansiedade de ver o trabalho progredir ou na frustração de não haver um retorno (Bosa; Baptista, 2007, p. 13).

Entretanto é muito importante que o processo de incluir seja muito mais que receber, pois para incluir é necessário um devido preparo, é preciso saber receber os alunos. A preparação não vem só da professora da sala recurso, vem também da professora que irá acompanhar na sala comum onde o aluno passa mais tempo, no convívio com os outros alunos. Ainda tem muitos professores que não estão preparados com os devidos conhecimentos, por isso a preparação tem de ser de todo o conjunto educacional. Assim, com a preparação adequada, o professor saberá oferecer o suporte necessário para cada passo da inclusão.

3.3 A formação docente

O objetivo fundamental da formação docente é capacitar os especialistas do curso de licenciatura para ingressar no setor de trabalho e adquirir uma base pedagógica sólida. Durante o processo de instrução inicial, os futuros docentes têm uma opção de reflexão fundamentada nos documentos legais e de aparato teórico, o que facilita a compreensão dos casos e relatos encontrados no universo escolar e contribui para compreender os conceitos enfrentados. Atualmente, há necessidade de um exame mais atento da preparação do futuro professor no que diz respeito à integração no cotidiano escolar e à fundamentação da sua prática pedagógica.

Muitas dessas realidades são apresentadas aos alunos ao longo da primeira fase de formação. Nós enfrentamos essas realidades por meio dos avanços, mas essa formação ainda é inconveniente. Em outros cursos, os componentes curriculares obrigatórios que deveriam dar mais atenção às questões atuais permanecem, no entanto, opcionais. Em tal situação, a base do professor atual torna-se insuficiente para proporcionar a segurança necessária para enfrentar a significativa

diversidade existente no sistema educacional. Os instrutores se ajustam às diversidades múltiplas de um ambiente educacional regular, apresentando a heterogeneidade e a inclusão.

Mesmo com amplas discussões e estudos sobre alguns temas inclusivos no desenvolvimento profissional, a formação para trabalhar com pessoas com deficiência ainda traz muitas incertezas. É necessário que haja uma formação especializada que auxilie esses profissionais no desejo de uma sala de aula inclusiva; caso contrário, terá um aluno especial que será excluído da sala de aula, mas a inclusão não acontecerá.

A vida do aluno é o principal recurso para aprendizagem na formação do professor. Os professores devem identificar seus pontos fortes além de conhecer suas características únicas. As dificuldades que “aquele” aluno enfrenta são interessantes, pois é a partir delas que o professor escolherá o melhor curso de ação a tomar. No entanto, compreender as habilidades do aluno também é crucial, pois são essas habilidades que o instrutor usará para ajudar o aluno a se sentir incluído. Assim, tudo depende da educação que o aluno obteve, uma vez que ela tem a capacidade de garantir que o docente assume seu papel social.

3.4 O papel importante da família na inclusão

Quando se diz inclusão se contextualiza só na parte da escola, mas a a inclusão não deve ser papel apenas da escola, pois não se consegue desenvolver a mesma sem a ajuda dos pais. De acordo com Cavaco (2014), a intervenção em seu ponto mais produtivo começa a partir do contexto familiar, dando continuidade em seguida nos demais ambientes onde a criança encontra-se inserida, onde se implica muito em seus comportamentos, assim esses fatores familiares o afetam. Segundo Baptista *et al.*:

Os indivíduos com autismo são ainda muito sensíveis a mudanças de humor das pessoas com as quais convivem, talvez porque estejam atentos a mudanças sutis como: o tom de voz, a expressão facial ou a pressão do toque, mesmo que não saibam “interpretar” o significado de toda essa gama de comportamento não verbal (Baptista *et al.*, 2007, p. 36).

Diante ao exposto, o desenvolvimento do autista implica em uma atitude da família, em conjunto com a os profissionais da educação, sendo que é o fato onde se faz necessário um trabalho estruturado e organizado, que acima de tudo deve dar o suporte à criança autista desenvolver suas habilidades e aprendizagem. Portanto o apoio da família é o mais importante, pois é no meio familiar que é identificado os primeiros sinais do autismo.

4 Considerações finais

O estudo realizado sobre o autismo possibilitou um melhor conhecimento sobre o comportamento do autista, e maior entendimento, que este é um transtorno que abrange uma grande complexibilidade, tanto no que diz respeito ao convívio social quanto como acadêmico. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista é desafiadora, pois para que esta inclusão realmente seja feita, é necessário a preparação dos educadores e de todo o corpo escolar.

De acordo com as pesquisas bibliográficas levantadas, para que o processo de inclusão realmente ocorra da melhor maneira, é necessário a atuação dos profissionais do atendimento educacional regente e o especializado. Não deve focar-se só nas dificuldades apresentadas pelo indivíduo autista, mas em suas potencialidades, visto que estas que proporcionam maior impacto para o trabalho do seu desenvolvimento.

Embora os professores estejam especializados na área, é de essencial importância que a escola proporcione a capacitação dos educadores, com formações continuadas voltadas ao tema de inclusão e TEA, pois o papel do professor é fundamental sendo o primordial para o processo de inclusão escolar.

A escola precisa proporcionar meios, para que os pais e toda comunidade escolar saiba o que é o autismo, para que além dos professores, toda a escola possa ter o conhecimento sobre o assunto. A escola é inserida no contexto social e nem todos possuem esse entendimento da importância da inclusão das crianças autistas no ambiente escolar.

O Transtorno do Espectro Autista pode ser apresentado em vários graus, pois as características que um indivíduo apresenta não são necessariamente as mesmas em outro indivíduo, devendo-se, portanto, considerar a individualidade, a particularidade de cada criança.

O professor deve ficar atento ao comportamento do aluno autista. Sendo importante analisar, para que saiba quando o estímulo está sendo positivo ou negativo. Contudo, será através desta observação é que o profissional poderá intervir da melhor maneira possível para a ajuda da criança.

Para o processo de inclusão é fundamental o envolvimento da família, escola e comunidade escolar. Desse modo, para que a inclusão não seja apenas uma teoria, é preciso estar atento às condições necessárias para sua efetivação, caso contrário a inclusão estará não contribuirá para a disponibilidade de uma educação inclusiva e de qualidade para o aluno autista.

É importante ressaltar que a inclusão é um processo contínuo, tendo sempre o que melhorar, sendo necessário uma atenção especial dos olhares sobre os pontos positivos e os pontos negativos. Os pontos positivos devem ser compartilhados com os demais educadores envolvidos com a inclusão na escola regular, entretanto os pontos são exemplos de superação. Os pontos negativos também têm o grau de importância, sendo a partir dos pontos negativos que os educadores podem refletir sobre as atitudes, antes de ser um erro é importante ser um acontecimento a ser refletido, sabendo que é através da tentativa que pode pensar nas estratégias para o desenvolvimento do processo de inclusão.

Tanto os aspectos que fazem parte da realidade escolar, quanto aqueles que podem ser aprimorados com o empenho dos educadores, contribuem para o processo inclusivo. A formação contínua e a busca por novos conhecimentos para a prática pedagógica são essenciais nesse contexto.

A abordagem do tema autista na educação traz pontos positivos e pontos negativos possibilitando uma amplitude no modo de olhar. Os pontos que fazem parte da realidade escolar e os pontos que podem melhorar com o empenho dos educadores, visto que a formação e busca por novos conhecimentos para a prática pedagógica, levando que os ambos os pontos contribuem para o processo inclusivo.

O estudo do tal tema não só aborda as dificuldades da criança autista na educação, mas foi uma abordagem para o papel importante que é a inclusão. Vale lembrar que este trabalho não esgota o assunto proposto ou aborda todas as suas problematizações, pois ele é amplo. No entanto, espera-se que as reflexões apresentadas possam oferecer algum aporte aos futuros pedagogos, os quais poderão favorecer a mudança das mentalidades, assim como a educação.

Referências

BAPTISTA. C. R., *et al.* **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção.** Porto Alegre: Artemed, 2007.

BRASIL. **Documento Orientador do Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais.** Brasília: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2012-pdf/11037-doc-orientador-multifuncionais-pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Lei n.º 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, v. 131, n. 248, p. 1-9, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/12/1996&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=289>. Acesso em: 15 out. 2024.

BOSA, C.; BAPTISTA, C. R. **Desafios na Educação de Crianças Autistas**. 2007.

Disponível

em: https://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/B/BAPTISTA_Claudio_Roberto/Autismo_Educacao/Lib/Amostra.pdf?fromwebsite. Acesso em: 15 out. 2024.

CAROTHERS, D. E.; TAYLOR, R. L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004.

Disponível em: http://www.ama.org.br/html/apre_arti.php?cod=64. Acesso em: 27 jun. 2010.

CAVACO, N. **Minha criança é diferente?** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, [s. l.], v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/>. Acesso em: 15 out. 2024.

MACHADO, R. **Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas**.

São Paulo: Cortez, 2009.

ROZEK, M. A educação especial e a educação inclusiva: compreensões necessárias. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, p. 164-183, 2009. DOI:

<https://doi.org/10.17058/rea.v17i1.918>. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/918/665>. Acesso em: 15 out. 2024.

SASSO, T. C.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, [s. l.], v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/>. Acesso em: 15 out. 2024.

SILVA, R. L. M. *et al.* As propriedades do professor e do aluno com deficiência na utilização de recursos de comunicação alternativa em sala de aula comum. *In*: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 159-177.